

## **FRAMES E ARGUMENTAÇÃO: ANALISANDO O PRONUNCIAMENTO DE MICHEL TEMER PÓS-IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF**

Zilda Gaspar Oliveira de Aquino<sup>1</sup>

Renata Palumbo<sup>2</sup>

Anna Christina Bentes<sup>3</sup>

**Resumo:** Levando-se em conta o postulado de Marcuschi (2008, p. 40), para quem o desafio cognitivo corresponde a uma das “perplexidades da linguística contemporânea, uma vez que se trata de uma determinação tanto interna quanto externa da língua”, consideramos importante a criação de interfaces entre estudos cognitivos e os da Linguística de Texto, de maneira a se desenvolverem análises linguísticas sistematizadas, especialmente para se compreender os mecanismos argumentativos acionados nos discursos políticos. Assim é que propomos uma discussão teórica na qual procedemos ao diálogo entre os estudos do texto e do discurso e os da cognição social, em especial, considerando a noção de *frame* (LAKOFF, 2004; FILLMORE; BAKER, 2009; DUQUE, 2015), com a atenção voltada para sua participação na argumentação. Observamos as seleções verbais iniciadas pelo prefixo re- – retomar, recolocar, revitalizar e reconciliar – no discurso escrito de Michel Temer, pronunciado após o Senado ter aprovado o *impeachment* de Dilma Rousseff em 2016. Os resultados mostram que o uso reiterado desse prefixo indicia a emergência do *frame* GOVERNO FEDERAL BRASILEIRO estruturado a partir da perspectiva avaliativa do novo mandatário, que considera como modelares as *performances* assumidas como compatíveis para si e de modo implícito, não modelares e incompatíveis as *performances* relacionadas à mandatária anterior, o que reforça a organização argumentativa do pronunciamento em questão.

**Palavras-chave:** Linguística Textual. Cognição. *Frame*. Argumentação.

**Abstract:** Taking into account Marcuschi’s postulation (2008) that cognitive challenge corresponds to one of the “perplexities of contemporary linguistics, since it is a determination for both internal and external language” (p.40), we consider important the creation of interfaces between sociocognitive studies and those of Text Linguistics, in order to develop systematized linguistic analyzes, especially to understand the linguistic and sociocognitive strategies activated in political discourse. Therefore, we propose a theoretical discussion in about the dialogue between the studies of text and discourse (MARCUSCHI, 2007a, 2007b; 2008; KOCH, 2002, 2004) and those of social cognition, considering the notion of *frame* (FILLMORE; BAKER, 2009; DUQUE, 2015), with attention to its participation in argumentation. We observe the verbal selections initiated by the prefix re- in the written speech of Michel Temer, pronounced after the Senate approved the impeachment of Dilma Rousseff in 2016. The results show that repetitive use of the prefix re- index the emergence of the *frame* FEDERAL GOVERNMENT OF BRAZIL, structured by the evaluative perspective of the new agent, Michel Temer as President of Brasil. This perspective is based on the contradiction between the performances assumed to be compatible for himself (model) and the incompatible performances (anti-model) related to the previous agent, which explains the argumentative organization of the statement in question.

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo, SP, Brasil. ziaquino@usp.br

<sup>2</sup> Centro Universitário Carlos Drummond de Andrade, São Paulo, SP, Brasil. prof.renata.palumbo@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Estadual de Campinas, SP, Brasil. annafapesp@hotmail.com

**Keywords:** Text Linguistic. Social Cognition. Frame. Argumentation.

## Introdução

A trajetória<sup>4</sup> da Linguística Textual (LT) desenvolvida no Brasil consolidou entre os pesquisadores desse campo uma concepção de texto relacionada à atividade social concreta, constituída via processos complexos e intercambiáveis de várias naturezas. O entendimento do fenômeno textual esteve sempre fortemente influenciado por teorias de base pragmático-discursiva e de base cognitiva e/ou sociocognitiva, de modo que a LT assumiu desde o seu início uma vocação interdisciplinar.

Pode-se dizer, em consonância com Marcuschi (2008), que a LT vem-se marcando por estudos voltados para as operações linguísticas, discursivas e cognitivas, que regulam e controlam a produção, a construção e o processamento de textos escritos ou orais em situações reais de uso. Além disso, o autor ainda afirma a tendência de se considerar uma continuidade entre texto e discurso, isto é, “uma espécie de condicionamento mútuo” da atividade enunciativa (p. 81). Entendemos que essa afirmação pode ser estendida à posição de Adam (2010, p. 9), quando associa a análise textual dos discursos (ATD) ao campo da LT, no que se refere à necessidade de se dar atenção aos gêneros do discurso e ao “materialmente observável”, em outras palavras, aos “detalhes semiolinguísticos das formas-sentido mediadoras dos discursos”, os quais, destacamos, são realizados nas práticas sociais via gêneros discursivos<sup>5</sup>.

Desde a última década do século XX até a primeira década do século XXI, o estatuto sociocognitivo<sup>6</sup> do texto passou a ter uma grande centralidade. Alguns exemplos de estudos que contemplam essa dupla faceta e que também aprofundaram as análises de forma a dar

---

<sup>4</sup> Vários trabalhos buscaram traçar percursos sobre como a LT desenvolveu sua agenda. Citamos aqui alguns desses trabalhos desenvolvidos no Brasil: Fávero e Koch (1983); Marcuschi (2012[1983]); Koch (1997; 2002; 2004); Bentes (2001); Bentes e Rezende (2008); Bentes e Leite (2010).

<sup>5</sup> Neste trabalho, assumimos a relação indissociável entre texto e discurso, haja vista que nossa atenção recai tanto sobre a materialidade textual do pronunciamento político sob análise, em especial as seleções verbais iniciadas pelo prefixo re-, quanto sobre as condições de produção, as quais também servem de pista para o exame da argumentação da qual a emergência e ativação de *frames* participam.

<sup>6</sup> Em seu texto “Uma história, dois campos de estudo, um homenageado...”, Koch (2010, p. 39) afirma que “se em dado momento, a Linguística Textual, de acordo com Koch (2010), voltou sua atenção mais aos mecanismos de coesão e coerência, principalmente a partir dos estudos de Halliday e Hasan (1976), além de outros critérios de textualidade elencados por Beaugrande e Dressler (1981) – coesão, coerência, informatividade, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade, posteriormente, alguns pesquisadores da área (Marcuschi, 1983; Koch; Travaglia, 1989, 1990; Fávero, 1991; van Dijk, 1980, 1992, 1997) passaram a incorporar outros padrões, tais como os de ordem sociocognitiva”.

conta da complexidade dessa dimensão dos processos textuais foram os de Mondada (1993), Marcuschi e Koch (1998), Koch (2002; 2004; 2008), e Marcuschi (2007a; 2007b, 2008). Podemos também elencar estudos que influenciaram também a LT no Brasil, especialmente aqueles que trataram de metáforas (LAKOFF; JOHNSON, 1980; KÖVECSES, 2002, 2009) e de *frames* (LAKOFF, 2004; FILLMORE; BAKER, 2009).

Considerando a postura não modular sobre o texto assumida pela Linguística Textual brasileira, representada principalmente pelos trabalhos de Marcuschi e de Koch, pode-se dizer que os diálogos na obra desses autores com teorizações sociocognitivas que discorriam sobre o papel da cognição na compreensão dos processos textuais podem ser resumidos na seguinte formulação de Marcuschi (2007a, p. 34): “o conhecimento resulta da elaboração da experiência organizada em outro nível numa relação de várias fontes cognitivas integradas: por exemplo, a confluência de elaborações mentais pelo filtro da experiência, do social, do cultural, do emocional etc.”.

O lugar da cognição nos estudos do texto e do discurso corresponde a um caminho para explicar o processamento textual-discursivo, seus efeitos e funções em situações interacionais, antes e durante os quais subjazem operações cognitivas que constituem e são constituídas nas e pelas seleções lexicais ordenadas, organizadas e materializadas no momento da enunciação, de maneira a promover um todo significativo, um evento único.

Esses pressupostos levaram-nos a apresentar um diálogo entre os estudos do texto-discurso e os da Cognição, de modo a situar a noção de *frame* de acordo com autores como Lakoff (2004) e Fillmore e Baker (2009), com a finalidade de examinar seleções específicas, como a utilização do prefixo re-, como promotoras, junto a outros procedimentos, da ativação e da inter-relação de *frames*, de construções de sentido e da argumentação em um texto de natureza eminentemente política.

Para tanto, selecionamos um corpus correspondente ao primeiro pronunciamento do ex-presidente da República Michel Temer por ocasião de sua posse em 31 de agosto de 2016, três meses após ter assumido o governo como representante interino. O discurso, com duração de cinco minutos, foi televisionado e, também, transmitido por rádio às 20h do mesmo dia que o Senado aprovou o *impeachment* de Dilma Rousseff. Para alcançar o que propomos, este trabalho apresenta três momentos: primeiramente, discutimos o lugar da cognição nos estudos do texto-discurso da LT, na sequência, nossa atenção volta-se para a relação entre *frame* e argumentação política e, por último, analisamos o pronunciamento do ex-presidente da República Michel Temer e a participação do prefixo re- nas seleções dos verbos *recolocar*,

*retomar, revitalizar e reconciliar*, como parte dos procedimentos argumentativos desse discurso público, tendo em vista o momento de transição de governo.

### **Lugar da cognição na Linguística Textual**

Na Linguística em geral, principalmente no decorrer da segunda metade do século XX, a preocupação voltada para os processos textual-discursivos e suas possíveis construções de sentido em interações sociais específicas, bem como o interesse pela aquisição da linguagem e pela compreensão, ou mesmo, pela argumentação em textos falados e escritos encaminharam para a necessidade de diálogos com estudos de outros campos do conhecimento – especialmente das Ciências Sociais e das Cognitivas.

Por um lado, várias correntes de pesquisa (Sociolinguística, Etnolinguística, Pragmática etc.) atentaram para o caráter social da linguagem, considerando que fenômenos externos estavam atrelados às ocorrências das materialidades linguísticas. Por outro, nas Ciências Cognitivas, diversos pesquisadores afastaram-se das noções clássicas sobre a mente independente e o inatismo, de maneira a conceberem a linguagem como integrada às capacidades cognitivas, tal como tem sido as posições de Fauconnier (2001), Fauconnier e Turner (2003), Lakoff (2004).

Entre essas perspectivas teórico-metodológicas, podemos localizar o aspecto cognitivo, por exemplo, na abordagem de Beaugrande e Dressler no que diz respeito à coerência e, no Brasil, em posições de autores como Marcuschi e Koch, entre outros, que impulsionaram a questão com vista ao indissociável papel da cognição e do social nos processos textual-discursivos, de modo a fazer que ocorresse um compromisso sociocognitivo no interior do programa da LT com tópicos sobre “referenciação, inferenciação, acessamento de conhecimento prévio etc.” (KOCH, 2010, p. 43).

Desde então, alguns estudiosos que tratam de fenômenos linguísticos e discursivos (MORATO, 2016; MORATO; BENTES, 2013; KOCH, 2010; MARCUSCHI, 2008, 2007) vêm assumindo, em seus trabalhos, que a cognição tem um importante papel como motivadora e reguladora da produção e do processamento textual oral e escrito. Sem desconsiderar que uma língua possui unidades menores – fonemas, morfemas, palavras e frases –, tratam o texto como unidade maior de sentido em uma dimensão discursiva e, com o olhar sobre ele, preocuparam-se com os processos sociocognitivos.

Nessa concepção sociointeracionista, textual-discursiva e cognitiva da linguagem, a cognição não ocupa um lugar central, tampouco, marginalizado. Trata-se de conceber o estatuto da linguagem ancorado ao da cognição e trazer subsídios teóricos de base cognitiva,

por meio dos quais as práticas discursivas possam ser examinadas com vista à sua natureza processual e integradora, que envolve a experiência social, o corpo e a cognição. A articulação entre linguagem e cognição, portanto, pode-nos fornecer subsídios necessários para o exame da construção de sentidos complexos, processamento referencial e inferencial, orientações de visões de mundo e processos argumentativos.

Entendemos que essa ampliação do tratamento da linguagem no interior de uma teoria de texto e discurso deve ocorrer, levando-se em conta duas preocupações: i) a natureza textual e discursiva do objeto de estudo; e uma metodologia com base em evidências linguísticas e em corpus de experiência real; ii) a seleção de pesquisas cognitivas que nos permitem possíveis pontos de convergência com a LT.

No que diz respeito aos diálogos com teorias cognitivistas, compreendemos que os preceitos da Linguística Cognitiva (LC) nos permitem estabelecer algumas relações, sobretudo no que se refere (i) ao olhar funcionalista<sup>7</sup> sobre a relação linguagem e cognição e ao papel integrador sobre as operações mentais; (ii) às noções de elaboração mental e de processos de significação, baseadas nas experiências sociais, culturais e corpóreas.

Essa afirmação coaduna-se com a de Marcuschi (2007, p. 34) que, ao elencar as correntes cognitivas e suas perspectivas, conclui que, para os estudos do texto e discurso, “resta-nos a posição de natureza funcionalista que consegue integrar aspectos da mente humana, como geradora de conhecimento, com a cultura, a sociedade e a experiência, como provedores informacionais relevantes numa postura integrativa dos diversos sistemas cognitivos”.

Seguindo nessa direção, neste trabalho, interessa-nos os estudos que a LC vem desenvolvendo em torno dos *frames*, e procedemos a essa discussão, estendendo-a para a dimensão textual-discursiva no que diz respeito à argumentação voltada ao campo político brasileiro.

### **Interfaces entre discurso político, *frames* e prática argumentativa**

De maneira geral, a noção de *frames* está atrelada a de mecanismos cognitivos por meio dos quais organizamos informações e damos sentido às coisas do mundo. Os *frames* participam do tratamento que damos às velhas e às novas informações, na mesma medida em que são estruturados e, de certo modo, estabilizados com base em nossas experiências socioculturais, nas quais, segundo entendemos, certos discursos agem como fortes

---

<sup>7</sup> Consideração das práticas interacionais e sociais em que se inserem e das quais tomam parte em seu processamento e construções de sentido.

influenciadores, como postulamos serem os discursos públicos de ampla circulação. Para Fillmore e Baker (2009, p. 314):

Há um conceito geral de *frame* (Minsky 1975; 1988; Goffman 1974; Tannen 1993), aliado a conceitos como *esquema* (Bartlett 1932; Rumelhart 1975), *modelo cognitivo idealizado* (Lakoff 1987), *script* (Schank; Abelson 1977), e, mesmo, *meme* (Dawkins 1976), narrativa, etc.), especialmente como desenvolvido pelas ciências cognitivas desde a década de 1970, que pode ser definido como um dos muitos conjuntos de conhecimentos, crenças e práticas padronizadas, que moldam e permitem aos seres humanos dar sentido às suas experiências.<sup>8</sup>

Nessa mesma direção, Geeraerts (2010, p. 225) apresenta o conceito geral de *frame* e, também, indica outra noção, mais específica, que está relacionada aos conhecimentos que uma seleção lexical ativa:

Em um sentido mais amplo, [...] a noção de ‘*frame*’ é, amplamente, sinônima daquela do Modelo Cognitivo Idealizado, referindo-se, em geral, às estruturas de conhecimento que incorporam nosso pensamento sobre o mundo. Em um sentido mais restrito, refere-se a um tipo específico de organização do conhecimento no léxico.<sup>9</sup>

A respeito dessa variedade de abordagens acerca de *frames* e, por consequência, da presença de diversas tipologias, podemos dizer que, conforme Duque (2015, p. 30), de maneira geral, os “*frames* são pensados como *Gestalts* cujas partes, ou papéis, estabelecem relações entre si” e, além disso, eles são mecanismos pelos quais percebemos, recordamos e pensamos sobre nossas experiências coletivas e individuais.

Fillmore e Baker (2009) seguem afirmando que é por meio de *frames* que elaboramos suposições a respeito de nossas experiências (o que é passível de pertencer a um *frame*) e orientamo-nos, por exemplo, em relação aos papéis dos participantes de um evento (restaurante, hospital, sala de aula, debate político televisivo etc.).

Esses autores apontam para outras suposições relacionadas aos *frames*, entre as quais, destacamos as características físicas e/ou visuais de objetos ou de rostos humanos, os estágios do ciclo de vida. Nessa perspectiva, o acesso a esses *frames* dá-se por meio tanto das

---

<sup>8</sup> Tradução livre. Grifo dos autores. There is a general concept of frame (Minsky 1975; 1988; Goffman 1974; Tannen 1993), together with allied concepts like schema (Bartlett 1932; Rumelhart 1975), idealized cognitive model (Lakoff 1987), script (Schank and Abelson 1977), and even meme (Dawkins 1976), narrative, etc.), especially as developed in the cognitive sciences since the 1970s, that can be defined as any of the many organized packages of knowledge, beliefs, and patterns of practice that shape and allow humans to make sense of their experiences.

<sup>9</sup> Tradução livre. In the broadest sense, (...) the notion of ‘frame’ is largely synonymous with that of Idealized Cognitive Model, referring in general to the knowledge structures that embody our thinking about the world. In the more restricted sense, it refers to a specific type of knowledge organization in the lexicon.

vivências com a sociedade e com a natureza, quanto das faculdades de percepção e das necessidades biológicas e emocionais dos seres humanos por ocasião de suas experiências com seus corpos. Além do mais, nossa vivência em comunidades linguísticas e culturais orienta-nos a responder de modo específico, conscientes ou inconscientes, às instituições, aos símbolos, aos valores etc., e a desenvolver conhecimentos sistemáticos acerca de eventos, de sentimentos, de governos, de religiões etc. (FILLMORE; BAKER, 2009).

Ao estendermos esses preceitos para a dimensão da interação e do discurso, pressupomos que os *frames*, ancorados à linguagem, tomam parte dos mecanismos discursivos por meio dos quais se constroem ideias e se encaminham sentidos. A essa posição, associamos a possibilidade de correlacionar os *frames* à prática argumentativa, em especial no discurso político, dado ser uma associação extremamente presente nos discursos públicos pelos quais os acontecimentos do campo político chegam à população, conforme nossas pesquisas buscam explicitar.

Nessa direção, por serem responsáveis pela ordenação de nossas *performances* cognitivas, reconhecemos que os *frames* são ideologicamente orientados e podem variar de acordo com cada cultura. Além disso, como produtos culturais, os *frames* podem ser – e comumente o são – instrumentalizados como parte de projetos argumentativos no campo político, no interior do qual, como foi postulado por Lakoff (2004), existem *frames* de natureza complexa que moldam as instituições políticas e suas práticas e que podem favorecer mudanças de ordem social quando alterados.

É por esse caminho que a argumentação política atua na sociedade. Se formulações linguísticas ativam *frames* específicos (LAKOFF, 2004; FILLMORE; BAKER, 2009), podemos dizer, do ponto de vista do texto como unidade de sentido (KOCH, 1997; 2002; 2004; 2010; MARCUSCHI, 2007; 2008), que a organização de um pronunciamento político escrito cria uma rede ordenada e articulada de *frames*, enfatizando perspectivas e ativando, por consequência, valores e crenças que são extremamente importantes para o convencimento, já que podem participar como objetos de acordo nas interações sociais e permitir que a tese receba valor de verdade por parte daqueles para quem é dirigida, conforme afirmaram Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2002).

Dessa maneira, partindo do postulado de que o convencimento está na ordem das ideias, assim como os autores da Nova Retórica já assinalaram, temos que é na relação sociocognição e discurso em toda sua complexidade que se trilham as propostas do dizer político, produto de inúmeras organizações e associações sociocognitivas, posto que ocorre, por meio desse dizer, o favorecimento de ideias contra ou favor àquilo que se defende. Nessa

acepção, primeiramente observamos a perspectiva do *frame* GOVERNO FEDERAL, privilegiada no pronunciamento de Michel Temer, por meio do qual o papel do presidente da República é encaminhado, e suas ações são justificadas:

(1)

*O governo é como a sua família.* Se estiver endividada, precisa diminuir despesas para pagar as dívidas. Por isso, uma de nossas primeiras providências foi impor limite para os gastos públicos. Encaminhamos ao Congresso Nacional uma proposta de emenda constitucional com teto para as despesas públicas. Nosso lema é gastar apenas o dinheiro que se arrecada.

No que diz respeito ao GOVERNO FEDERAL DO BRASIL, podemos afirmar que esse *frame* caracteriza-se por ser complexo e de difícil entendimento por parte de muitos brasileiros. Mesmo assim, é de se esperar que a população possua algum conhecimento partilhado acerca do fato de que GOVERNO FEDERAL BRASILEIRO pressupõe que o presidente da República é o chefe desse GOVERNO no âmbito federal, responsável por assumir uma série de responsabilidades, especialmente, no que diz respeito ao cumprimento de determinadas expectativas ligadas a sua competência de governar, de estabelecer conciliações e de assegurar o bom desempenho da economia do país.

No segmento sob análise, as informações em torno da noção de GOVERNO são construídas pelo viés do *frame* FAMÍLIA que, por ser de conhecimento geral, possibilita o direcionamento do olhar sobre a situação política enunciada, considerando (i) os conhecimentos sociais partilhados sobre o funcionamento dessa unidade social e (ii) a orientação argumentativa na direção da seguinte proposição: o governo deve gastar apenas o que arrecada.

O sentido metafórico da formulação “O governo é como a *sua* família” permite que ocorra a associação entre os principais elementos que compõem cada *frame* – o papel social de presidente da República na sua relação com a população & o papel social de pai de família e seus filhos –, de modo a ativar os valores de responsabilidade e de confiabilidade, extremamente aceitos nos dois enquadres relacionados. Mais do que isso, essa associação propicia, paralelamente, uma desqualificação velada contra a atuação anterior de Dilma Rousseff que, na época, sofreu *impeachment* com a principal justificativa de ter cometido crime de responsabilidade.

Partimos desse processo de criar vínculos ou rupturas, para examinar o papel indissociável dos *frames* nas práticas argumentativas. Um ato de argumentação, por meio da associação do *frame* GOVERNO ao *frame* FAMÍLIA, na ocasião da justificação dos



primeiros atos do então presidente da República, relaciona-se ao que, na Nova Retórica, tem-se denominado “relações de coexistência” entre a pessoa e seus atos, sobre as quais Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2002, p. 334) afirmam: “A construção da pessoa humana, que se vincula aos atos, é ligada a uma distinção entre o que se considera importante, natural, próprio do ser de quem se fala, e o que se considera transitório, manifestação exterior do sujeito”. Nessa direção, a construção da imagem de uma pessoa ou de uma autoridade possui relação com seus atos, na medida em que a evidência dada a suas atitudes e/ou a frequência de suas ações conduzam à ideia de lhe serem próprias. Reconhecemos que, nessa relação de coexistência, a construção da pessoa com vista a seus atos está estruturada e regulada por *frames*.

À medida que pessoas agem considerando a sua incorporação a papéis sociais, ocorrem expectativas e julgamentos em torno de certas ações, que estão pré-orientadas no interior de enquadres socialmente estabilizados. No caso do segmento examinado, os atributos dos atos de responsabilidade dos pais (autoridade máxima) em relação a seus filhos, reconhecidos e legitimados culturalmente no interior do *frame* FAMÍLIA, foram transferidos para as ações do governante máximo do país, de modo a suscitar a ideia do que lhe é próprio e, socialmente, valorizado no que diz respeito a suas ações em relação a seu cargo.

Quanto ao procedimento de apresentar ruptura com o desempenho de Dilma Rousseff, a argumentação atua no interior do *frame* GOVERNO FEDERAL BRASILEIRO, tendo em vista a situação de transição governamental em razão do *impeachment*. Podemos dizer que existe estereotipia quanto à maneira de evocar pessoas, relações, grupos, comportamentos e estratégias, pertencentes a esse *frame*, que passam a preencher as expectativas das pessoas quanto ao bom ou mau desempenho dos políticos e a seu (des)alinhamento com a *performance*, entendida como apropriada ou compatível, tal como a de não manter as contas públicas em dia. Mais uma vez, o alinhamento produzido pela associação estabelecida entre os *frames* GOVERNO e FAMÍLIA coloca a ex-Presidenta em uma situação de débito com a “família brasileira”, dado que ela não conseguiu administrar bem os recursos da “família”.

No que diz respeito ao *frame* GOVERNO FEDERAL BRASILEIRO, o tratamento dado ao desempenho de Dilma Rousseff recai, por inferência, sobre a incompatibilidade de suas ações enquanto exercia o cargo, tendo-se em conta que “a reação do ato sobre o agente é capaz de modificar constantemente a nossa concepção da pessoa, em se tratando de atos novos que lhe atribuímos ou de atos antigos aos quais nos referimos” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, [1958] 2002, p. 337).

Durante o desenvolvimento do discurso, localizamos pistas linguísticas desse procedimento de criar ruptura com o governo anterior por meio da indicação reiterada da necessidade de voltar para algo, que pode ser acessado pelas pessoas para quem a argumentação é dirigida, principalmente em ocasião de ocorrências de ativações do tipo procedural, as quais, para Koch (1996, p. 36), correspondem “aos modelos cognitivos socialmente determinados e adquiridos através da experiência”.

Entre as seleções lexicais que desempenham o papel de conduzir a ideia de mudança no governo federal, examinamos as ocorrências dos verbos com a presença do prefixo re- no pronunciamento de Temer, atentando-nos para o momento de sua seleção e a construção de sentido de “voltar para algo”, como caminho para defender a ideia de que a governante anterior não foi capaz de agir de modo compatível, considerando a posição a que foi alçada.

### **Prefixo re-: ativação e participação dos *frames* na argumentação política**

Discutimos que seleções lexicais indiciam *frames* e, concomitantemente, revelam pontos de vista a respeito deles. Em relação às práticas políticas da linguagem, uma sucessão de experiências leva à partilha de conhecimentos, de maneira a constituir uma cognição sociopolítica de alcance nacional.

Em relação a essa questão, chamamos a atenção para a importância dos textos e dos discursos para a produção de processos de *framing* da vida pública. Nesse viés, nas inúmeras cenas específicas da esfera pública política, a de GOVERNO FEDERAL BRASILEIRO toma ampla visibilidade. Como dissemos anteriormente, nesse *frame*, a figura do presidente da República e de seu papel destacam-se de tal modo que a mudança do presidente interfere no valor de julgamento e perspectiva do *frame* GOVERNO FEDERAL BRASILEIRO, atualizando-o.

É possível que a força da imagem de um presidente da República seja uma das razões das intensas expectativas em torno da transição do cargo e um dos motivos da ampla circulação de discursos oficiais dessa ordem, tornando-os importantíssimos para a aceitabilidade da nova posição, principalmente em situações de *impeachment*. Nesses casos, em especial, espera-se que haja indicativas de rompimento de vínculos com o antecessor e de mudanças para a melhoria. É o que examinamos até aqui no pronunciamento sob análise, no qual um dos procedimentos principais que recaiu sobre a ex-Presidenta Dilma Rousseff foi o de romper com sua pressuposta “ineficiência” para administrar as contas públicas.

Nesse sentido, o outro *frame* importante desse discurso é o da promessa de trazer de volta um período promissor pelo qual o Brasil passou em algum momento em um pretérito que não é revelado no discurso.

Nesse sentido, pudemos localizar seleções de verbos com o prefixo re- em determinados momentos do discurso em que invariavelmente ocorre a apresentação negativa do período Dilma. O modo como é formulado o discurso revela alguns passos da ruptura proposta, tendo em vista serem utilizados os verbos retomar (por duas vezes), recolocar, revitalizar e reconciliar.

Examinemos o segmento subsequente:

(2)

Boa noite a todos!

Assumo a presidência do Brasil, após decisão democrática e transparente do Congresso Nacional. O momento é de esperança e de *retomada* da confiança no Brasil.

A incerteza chegou ao fim.

É hora de unir o país e colocar os interesses nacionais acima dos interesses de grupos. Esta é a nossa bandeira.

Primeiramente, é o verbo “retomar”, nominalizado e funcionando como predicativo, que sinaliza a ideia de mudança de um estado de incerteza e de desesperança para um estado de retomada da confiança e de esperança. Esta ruptura instalada em relação ao GOVERNO anterior está associada às relações previstas entre os papéis sociais no *frame* GOVERNO FEDERAL BRASILEIRO, dentre elas, a confiança da sociedade brasileira na Presidência/no presidente da República, que não teria sido alcançada no GOVERNO anterior.

Como assinalam Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2002, p. 334), os atos podem ser avaliados conforme a área de atuação da pessoa, e o papel daquele que argumenta a favor de alguém consiste em criar uma imagem apropriada sobre o julgado. É o que ocorre no discurso pronunciado por Michel Temer, no qual ele encaminha a imagem de si atrelada ao papel de um governante que traria de volta a confiança, mostrando-se como alguém que age de modo compatível ao cargo assumido e lançando sobre a ex-Presidenta Dilma Rousseff todos os pressupostos negativos (GOVERNO de incerteza, que provocou a divisão, e de outros interesses que não os nacionais).

Na seleção “retomada da confiança”, está implicada a ideia de ação contrária, conduzindo à construção positiva da imagem do atual governante em relação ao seu antítipo, a governante anterior. Como ocorre nesse caso, a argumentação pode-se

fundamentar em modelos de conduta e utilizar-se de antimodelos, com a finalidade de estabelecer o afastamento de quem os enuncia quanto às ações performatizadas por seus adversários e que seriam vistas como apresentando um caráter negativo (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, [1958] 2002).

Mais uma vez, recorreremos ao papel dos *frames* na argumentação, neste momento, para o entendimento dos mecanismos de construção desses modelos e suas oposições. O prefixo re- evoca a ideia de ausência da ação indicada, ou ação contrária, por meio do termo a que se junta (*retomar*), estabelecendo seu sentido no encaminhamento textual (a confiança) e no entorno do discurso (posse após *impeachment*). O julgamento do que se diz só pode ser efetivado pela compreensão da relação entre os participantes/elementos do *frame* e certos comportamentos, relação esta já pressuposta no *frame* GOVERNO FEDERAL BRASILEIRO.

Sendo assim, o apelo ao modelo de governante de um país implica a ativação do *frame* ao qual pertence, permitindo-nos, mais vez, localizar a participação dos *frames* nas práticas argumentativas, como encaminhadores de avaliação via critérios de aceitabilidade e de verossimilhança.

No próximo segmento, analisamos as seleções dos verbos “recolocar” e “retomar”, bem como de “resgatar” (por conta de ele ser utilizado com o sentido preservado de “voltar para algo” e porque sua etimologia mostra sua derivação do latim, composto pelo prefixo *res-* e pelo radical *captare*). Por meio desses verbos, vemos que o foco do discurso continua a ser o processo de “restauração” proposto pelo novo governante, buscando o *frame* GOVERNO FEDERAL BRASILEIRO” a partir do valor da “restauração”:

(3)

Tenho consciência do tamanho e do peso da responsabilidade que carrego nos ombros. E digo isso porque recebemos o país mergulhado em uma grave crise econômica: são quase 12 milhões de desempregados e mais de R\$ 170 bilhões de déficit nas contas públicas.

Meu compromisso é o de *resgatar a força da nossa economia e recolocar o Brasil nos trilhos*.

Sob essa crença, destaco os alicerces de nosso governo: eficiência administrativa, *retomada do crescimento econômico*, geração de emprego, segurança jurídica, ampliação dos programas sociais e a pacificação do país.

As formulações que se apresentam nesse segmento (“resgatar a força da economia”, “recolocar o Brasil nos trilhos”, “retomada do crescimento econômico”) estão a serviço da caracterização do homem político que se constrói com mais atributos positivos que

constituem a imagem do governante, elemento que compõe o *frame* central do discurso GOVERNO FEDERAL BRASILEIRO. Mais especificamente, a seleção verbal “retomar” pode estar ancorada a outras informações, uma vez que o verbo “tomar” pressupõe, no mínimo, dois participantes (quem toma e de quem é tomado) e algo transferido com imposição. Assim sendo, o agente que “retoma” necessita de certas características, entre as quais, a força para trazer de volta o que foi perdido. Mais uma vez, ocorre um reforço da imagem do governante que acabou de tomar o poder como aquele que detém atributos de competência e da força, fundamentais para o *frame* GOVERNO FEDERAL BRASILEIRO.

Na sequência, nossa atenção volta-se para as formulações “O Minha Casa, Minha Vida foi revitalizado” (4) e “Meu único interesse, e que encaro como questão de honra, é entregar ao meu sucessor um país *reconciliado*, pacificado e em ritmo de crescimento” (5), novamente fortalecendo o enquadre do governante que acaba de assumir como “aquele que dá nova vida a um programa social importante” e aquele que promove “a conciliação”, “a paz”, em contraste com sua antecessora, estabelecendo a relação entre morte (antes) e vida (depois) no que diz respeito a um dos programas mais defendidos pela ex-presidenta Dilma (Minha Casa, Minha Vida), além da situação de desacordo, mais precisamente, de falta de paz:

(4)

O estado brasileiro precisa ser ágil. Precisa apoiar o trabalhador, o empreendedor e o produtor rural. Temos de adotar medidas que melhorem a qualidade dos serviços públicos e agilizem sua estrutura.

Já ampliamos os programas sociais. Aumentamos o valor do Bolsa Família. O Minha Casa, Minha Vida foi *revitalizado*. Ainda na área de habitação, dobramos o valor do financiamento para a classe média.

(5)

Presente e futuro nos desafiam. Não podemos olhar para frente, com os olhos do passado.

Meu único interesse, e que encaro como questão de honra, é entregar ao meu sucessor um país *reconciliado*, pacificado e em ritmo de crescimento. Um país que dê orgulho aos seus cidadãos.

Em (4), informações acerca do trabalhador são organizadas de modo a evidenciar as medidas que o Estado deve executar a favor da população. Muitos *frames* inter-relacionam-se nesse momento. De fato, o domínio da política promove essas articulações, em razão da diversidade de setores que a ele estão submetidos, e vice-versa. Interessa-nos destacar, em nossa análise, a ativação dos projetos da agenda dos governos anteriores e, em especial, o programa Minha Casa, Minha Vida, indicado como “revitalizado” por Michel Temer que,

lembramos, ocupou a posição interina de presidente da República durante três meses antes de sua posse oficial.

A formulação “O Minha Casa, Minha Vida *foi revitalizado*” provoca o acionamento de conhecimentos sobre o programa social Minha Casa, Minha Vida, construído pelo governo de Dilma Rousseff entre 2010 e 2014. Essa ativação, no entanto, é orientada de forma a desqualificar a maneira como ele estava sendo administrado antes da atuação do então presidente Michel Temer.

A argumentação pode atuar em tipos diferentes de raciocínio em virtude dos novos *frames* que são ativados. Duque (2015, p.31) apresenta as relações imbricadas na ativação dos *frames* MORRER e CICLO DE VIDA:

Dentro do *frame* MORRER, o *frame* CICLO DA VIDA inclui dois *frames* diferentes: CAUSA-EFEITO e TRANSFORMAÇÃO. O *frame* CAUSA-EFEITO inclui os *frames* CAUSA DA MORTE e ORGANISMO. O *frame* MORRER orienta os tipos de conexão entre os *frames* incluídos: o *frame* CAUSA DA MORTE, por exemplo, precisa estar vinculado diretamente ao *frame* TRANSFORMAÇÃO do ORGANISMO (do estado VIVO para o estado MORTO).

Nesse viés, postulamos que a seleção “O Minha Casa, Minha Vida *foi revitalizado*” permite que se ativem os *frames* CAUSA-EFEITO e TRANSFORMAÇÃO, em uma direção inversa a de ciclo de vida (da vida para a morte), posto que o prefixo re- junto a “vitalizar” reforça a noção de “*tornar algo a viver*”, de restituir a vida, promovendo a ideia “da morte para vida”. Esses *frames* podem atuar na argumentação por ocasião do acionamento de mecanismos ligados, em especial, ao *logos*.

Nos *frames* CAUSA-EFEITO e TRANSFORMAÇÃO, as condições de produção do pronunciamento favorecem o reconhecimento do agente causador da morte – ex-presidenta Dilma Rousseff –, permitindo que o procedimento argumentativo do então governante Michel Temer se centralize no princípio de alteridade, apontando para mudanças no interior do *frame* e possibilitando raciocínios de causa e efeito ou, como assinalam Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2002), de tipos de ligação por sucessão, principalmente no que se referem aos que: i) “sendo dado um acontecimento, tendem a descobrir a existência da causa que pôde determiná-lo” (p. 299); ii) “sendo dado um acontecimento, tendem a evidenciar o efeito que dele deve resultar” (p. 300).

Entre os segmentos em que se destaca a perspectiva da mudança pela ideia de trazer de volta um período promissor, o último corresponde à formulação “Meu único interesse, e que encaro como questão de honra, é *entregar* ao meu sucessor *um país reconciliado*, pacificado e

em ritmo de crescimento”. A seleção “entregar um país *reconciliado*”, seguida de “*pacificado*”, consiste de mais uma pista indicativa da estratégia de acusação indireta e a de posicionamento de um olhar específico sobre o governante anterior. Mais do que isso, corresponde à relação de efeito – o momento de desacordo de opiniões no qual vivia o país (e ainda permanecem) – e sua causa – Dilma Rousseff.

## **Conclusão**

A discussão teórica e as análises permitiram-nos entender que a participação de *frames* específicos e de seus elementos parece ser indissociável dos procedimentos argumentativos. Os pilares da argumentação – avaliações, acordos e julgamentos via mecanismos de raciocínio e de emoção – estão ligados a *frames* dos quais fazem parte as referências do discurso, que se tornam suscetíveis de comparação com as expectativas, relativamente estabilizadas em enquadres sociais.

Em específico, a seleção do prefixo *re-*, diante de verbos indicativos de ações executadas por um presidente da República, que também compõem predicativos por meio de processos de nominalização (“retomado, reconciliado”), atua na construção do *frame* GOVERNO FEDERAL BRASILEIRO a partir da perspectiva avaliativa do novo mandatário, que se volta para as *performances* assumidas como compatíveis para si (modelo) e para, de modo implícito, as *performances* incompatíveis (antimodelo) relacionadas à mandatária anterior, o que explicita a organização argumentativa do pronunciamento em questão.

Um outro aspecto importante de ser retomado diz respeito ao fato de que as relações entre a produção textual-discursiva e a produção de *frames* podem ser mais bem observadas a partir do foco sobre um determinado tipo de ação, no caso ações de “restauração”, tais como as performatizadas no discurso político analisado. Além disso, esse foco propicia não apenas a observação dos modos de construção dos elementos (no caso, o presidente da República e os cidadãos dessa república) que compõem o *frame* (GOVERNO FEDERAL BRASILEIRO), como também o contínuo entrelaçamento de *frames*: a escolha do verbo “revitalizar”, que indicia uma ação positiva do novo mandatário, elemento do *frame* GOVERNO FEDERAL BRASILEIRO, mobiliza também os *frames* MORRER e CICLO DA VIDA. Como dissemos, a mobilização desses *frames* reforça a orientação argumentativa do pronunciamento analisado que é a de qualificação positiva do mandatário atual e desqualificação da mandatária anterior.

De forma a produzir uma conclusão provisória sobre as análises aqui desenvolvidas, é importante lembrar que (i) “as significações são relativizadas a cenas, expressando a continuidade básica entre linguagem e experiência” (SALOMÃO, 2009, p. 2); (ii) a

abordagem sociocognitiva assume que “há um continuum dialético entre distintas ‘esferas da realidade’, interação e conceptualização, manifestações linguísticas e estruturas complexas de conhecimento”. (MORATO, 2010, p. 10). Desse modo, podemos afirmar que nossas análises revelam que cenas/enquadres/*frames* cuidadosamente construídos, entrelaçados e perspectivados contribuem para a construção argumentativa do pronunciamento de Temer, buscando não apenas uma adesão momentânea ao dizer do produtor, mas uma sedimentação de visões sobre as práticas políticas brasileiras, visões sempre indiciadoras das lutas pelo sentido social, performatizadas nos textos e nos discursos.

## Referências

ADAM, J-M. A análise textual dos Discursos: entre gramáticas de texto e análise do discurso. Conferência realizada em 4 de junho de 2010, durante a Jornada em homenagem a Patrick Charaudeau: A análise do discurso nas ciências da linguagem e da comunicação. Tradução de Michelle Valois e Dóris de Arruda C. da Cunha. **Eutomia**, v. 1, n. 6, p. 1-13, 2010.

BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W.U. **Introduction to text linguistics**. London: Longman, 1981.

BENTES, A. C. Linguística Textual. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 214-245.

BENTES; A. C.; REZENDE, R. C. Texto: conceitos, questões e fronteiras (con)textuais. In: SIGNORINI, I. (Org.). **[Re] Discutir texto, gênero, discurso**. São Paulo: Parábola, 2008. p. 19-46.

BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Orgs.). **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010.

DUQUE, P. H. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em *frames*. **Revista da Anpoll**, n. 39, p. 25-48, jul./ago. 2015.

FAUCONNIER, G. **Conceptual Integration**. Emergence and Development of Embodied Cognition (EDEC), p.1-7. 2001. Disponível em:  
<<https://pdfs.semanticscholar.org/2a69/ee5f268fb86a66f67abdc7c6981ec05f4ef2.pdf>>

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Conceptual blending, form and meaning. **Recherches en communication**, n. 19, p. 57-86, 2003.

FILLMORE, C. J.; BAKER, C. A frame approach to semantic analysis. In: HEINE, B.; NARROG, H. (Eds.). **The Oxford Handbook of Linguistic Analysis**. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 313-339.

GEERAERTS, D. **Theories of lexical semantics**. Oxford: Oxford University Press, 2010.



- HALLIDAY, M.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.
- KOCH, I. V. O texto e a constuição dos sentidos. São Paulo : Contexto, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Cortez, 2004.
- \_\_\_\_\_. **As tramas do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- \_\_\_\_\_. Uma história, dois campos de estudo, um homenageado... In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Orgs.). **Linguística de texto e análise da conversação**: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010. p. 37-48.
- \_\_\_\_\_. Cognição e processamento textual. **Revista da Anpoll**, n. 2, p. 35-44, 1996.
- KÖVECSES, Z. The effect of context on the use of metaphor in discourse. **Ibérica**, Castelló, n. 17, p.11-24, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Metaphor: a practical introduction**. New York: Oxford University Press. 2002.
- LAKOFF, G. **Don't think of an elephant**. White River Junction: Chelsea Green Publishing, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Metaphors We Live By**. Chicago: Chicago University Press, 1980.
- MARCUSCHI, L.A.; KOCH, I, G.V. Processo de referenciação na produção discursiva. **D.E.L.T.A.**, n. 14, p. 169-190, 1998.
- MARCUSCHI, L.A. **Cognição, linguagens e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007a.
- \_\_\_\_\_. **Fenômenos da linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007b.
- \_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Linguística Textual: o que é e como se faz**. São Paulo: Parábola, 2012 [1983].
- MONDADA, L. **Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir**. Lausanne: Thèse pour obtenir le grade de docteur en lettres, Faculté de Lettres, Université de Lausanne, Lausanne, 1994.
- MORATO, E. M. Das relações entre linguagem, cognição e interação – algumas implicações para o campo da saúde. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 16, n. 3, p. 575-590, set./dez., 2016.
- \_\_\_\_\_. E. M. A noção de *frame* no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? **Caderno de Letras da UFF**, n. 41, 2010, p. 93-113. Disponível em: <<http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/41/artigo4.pdf>>. Acesso em 14 jul. 2019.

MORATO, E. M.; BENTES, A. C. *Frames em jogo na construção discursiva e interativa da referência*. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 55.1, p.125-137, jan./jun., 2013.

PERELMAN, C. H.; OLBRECHTS-TYTECA, L. (1958). **Tratado da argumentação**. A Nova Retórica. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SALOMÃO, M. *FrameNet Brasil: um trabalho em progresso*. **Calidoscópio** (UNISINOS), v. 7, p. 171-182, 2009.

Recebido em: julho de 2019.

Aprovado em: outubro de 2019.